

Contribuições de João Batista de La Salle para a constituição da escola moderna

Ângelo Ezequiel Leubet*
Evaldo Luis Pauly**
Valdir Leonardo da Silva***

Resumo: Este artigo analisa a contribuição pedagógica de São João Batista de La Salle para a formação profissional do magistério e a universalização da escola primária na modernidade ocidental, apontando para a pouca frequência de estudos acadêmicos sobre a tradição pedagógica lassalista no Brasil. A partir da leitura crítica dos escritos de La Salle e dos comentaristas contemporâneos de sua proposta pedagógica, o artigo procura demonstrar como esse educador respondeu aos desafios educacionais da França, entre o final do século XVII e o começo do XVIII, contribuindo para a constituição da escola moderna. Com base nesse referencial, o artigo conclui formulando uma pauta para futuras pesquisas que potencialmente julgamos capazes de superar o alegado ‘silêncio eloquente’.

Palavras-chave: La Salle, J. Batista, educação universal, formação de professores, ensino simultâneo, escolarização.

* Licenciado em História e Mestrando em Educação pelo Centro Universitário La Salle – UNILASALLE de Canoas/RS. Diretor da Casa de Formação La Salle Niterói. E-mail: angeloleubet@outlook.com

** Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação e professor do curso de Pedagogia, ambos do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE de Canoas/RS. E-mail: evaldo@unilasalle.edu.br.

*** Licenciado em Filosofia e Mestrando em Educação pelo Centro Universitário La Salle – UNILASALLE de Canoas/RS. Diretor do Centro de Assistência Social La Salle, Canoas/RS. E-mail: valdir.leonardo@lasalle.org.br. .

Jean-baptiste de La Salle's contributions for the formation of the modern school

Ângelo Ezequiel Leubet
Evaldo Luis Pauly
Valdir Leonardo da Silva

Abstract: The pedagogical contribution of Jean-Baptiste de la Salle to teachers' formation and the comprehensiveness of primary education in the Western World are analyzed especially in the wake of few academic studies on the Christian Brothers' pedagogical tradition in Brazil. Current paper is foregrounded on a critical reading of La Salle's writings and contemporary comments on his pedagogical proposal and demonstrates the manner the French educator faced his countries' educational issues between the 17th and 18th centuries and, consequently, his contribution towards the constitution of the modern school. The paper forwards suggestions for future research work which will surely overcome the 'eloquent silence' currently observed.

Keywords: J-B. de la Salle, comprehensive education, teachers' formation, simultaneous teaching, schooling.

Contribuciones de Juan Bautista de La Salle para la constitución de la escuela moderna

Ângelo Ezequiel Leubet
Evaldo Luis Pauly
Valdir Leonardo da Silva

Resumen: Este artículo analiza la contribución pedagógica de San Juan Bautista de La Salle en la formación profesional del magisterio y la universalización de la escuela primaria en la modernidad occidental, apuntando para la poca frecuencia de estudios académicos sobre la tradición pedagógica lasallista en Brasil. A partir de la lectura crítica de los escritos de La Salle y de los comentaristas contemporáneos de su propuesta pedagógica, el artículo quiere demostrar cómo ese educador respondió a los desafíos educacionales de Francia, entre el final del siglo XVII y el principio del XVIII, contribuyendo a la construcción de la escuela moderna. Basado en esta referencia, el artículo concluye formulando una pauta para futuras investigaciones que potencialmente creemos capaces de superar el llamado "silencio elocuente".

Palabras clave: J. Bautista La Salle, educación universal, formación de profesores, Enseñanza simultánea, escolarización

Introdução

La Salle¹, comum grupo de professores, inicia uma obra pedagógica e escolar em meados do século XVII, na França, que se torna uma ordem religiosa existente até hoje –a *Fratres Scholarum Christianarum* (FSC), aprovada, em 1725, pela Igreja Católica. Em 2012, o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs reunia 4.485 Irmãos lassalistas, educadores de vida religiosa consagrada, não sacerdotes. Esse Instituto submete-se à legislação educacional de cada país e, hoje, mantém 1.049 instituições de ensino, sendo 82 de Educação Superior, onde estudam 938.690 alunos e lecionam 84.503 educadores em todos os continentes (Statistics..., 2012). No Brasil, 200 Irmãos, 3 mil educadores e 60 mil estudantes estão ligados a instituições lassalistas, desde a Educação Infantil até o Doutorado (A Rede La Salle, 2015).

Este artigo tem por objetivo analisar duas contribuições pedagógicas dos lassalistas: a formação profissional para o magistério e a universalização da escola primária na modernidade ocidental. Essa análise tem a finalidade de enfrentar o que Tagliavini e Piantkoski identificam como sendo um “[...] silêncio eloquente”² (2013, p. 17) a respeito de La

¹ João Batista de La Salle nasceu em Reims, França, a 30 de abril de 1651. Seu pai era magistrado do Tribunal Superior de Reims e sua mãe pertencia à nobreza. Doutor em Teologia pela Sorbonne em 1680, La Salle dedicou-se à educação dos filhos dos artesãos e dos pobres que vagavam pelas ruas de Reims e Paris do século XVII. Gradativamente, comprometeu-se com a educação e formação dos professores, e, com eles, criou a Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, conhecidos como Irmãos Lassalistas. Faleceu a 7 de abril de 1719, em Ruão, França. Foi proclamado santo, em 15 de maio de 1900. Nesta data, em 1950 o Papa Pio XII declarou São João Batista de La Salle Padroeiro Universal dos Professores e Estudantes de Magistério. Na Igreja Católica sua Festa Litúrgica é comemorada no dia 7 de abril (Hengemüle, 2012).

² A partir de uma disciplina do programa de pós-graduação em Educação na UFSCar, Tagliavini e Piantkoski (2013), constataram haver uma lacuna sobre La Salle “na bibliografia e mesmo nas dissertações e teses nos programas de Educação no Brasil” (2013, p. 24). Por isso, afirmam que existe “um silêncio

Salle tanto na formação docente, quanto nas pesquisas em educação no Brasil. Para este fim, o artigo se orienta em três direções: a primeira, contextualiza a obra de São João Batista de La Salle, na França, entre os séc. XVII e XVIII; a segunda, destaca duas contribuições lassalistas para a constituição da escola moderna; e, por fim, na conclusão, propõe uma pauta para futuras pesquisas capazes de enfrentar e superar as possíveis causas acerca do alegado silêncio que, segundo Tagliavini e Piantkoski (2013), estaria pairando sobre tradição pedagógica lassalista no Brasil.

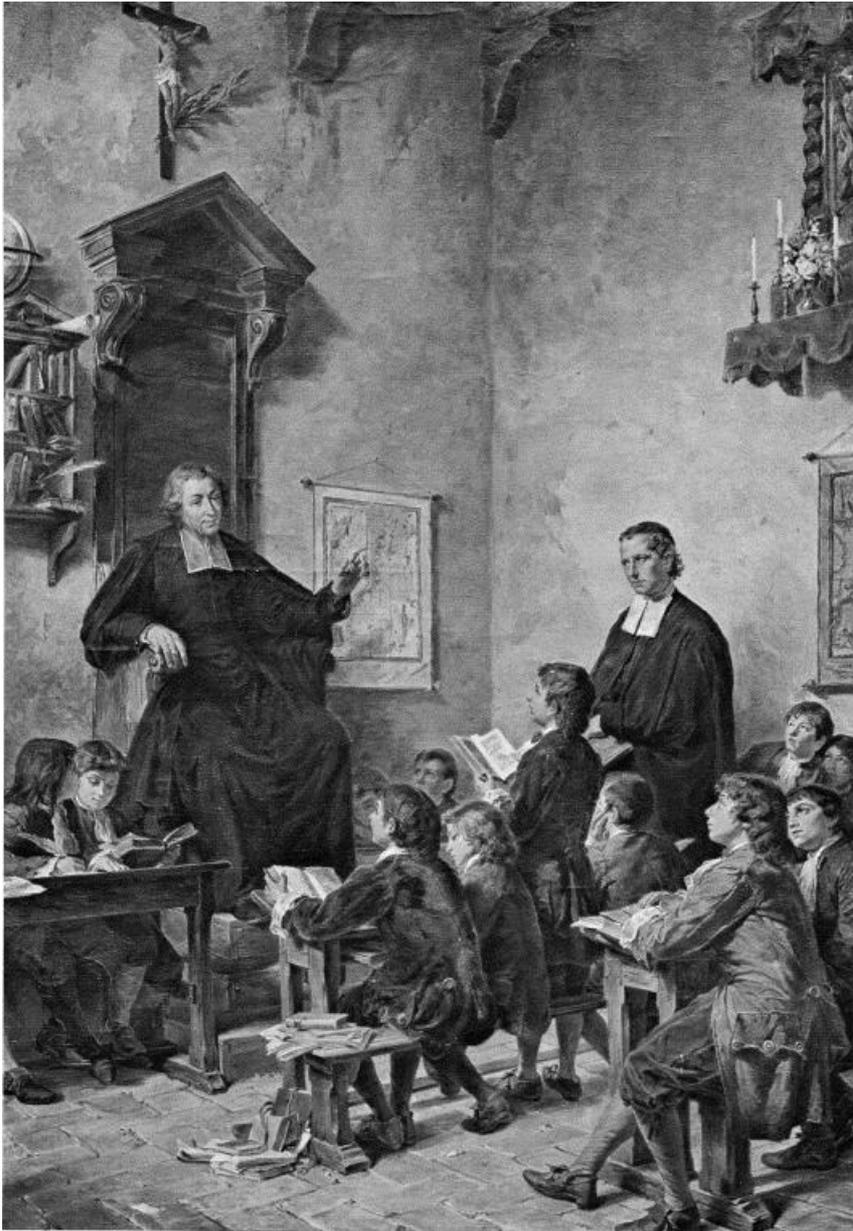
João Batista de La Salle: contextos e tempos

A França no contexto pré-revolucionário

A vida de São João Batista de La Salle e a fundação do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs coincidem com o governo de Luís XIV (1654-1715). Conhecido como o ‘Rei Sol’, dedicou-se a fazer da França uma potência militar, política e cultural. Um conjunto de grandezas e misérias forma o contexto no qual a pedagogia de La Salle se desenvolve. Por um lado, guerras, fomes, epidemias, conflitos religiosos, alianças políticas e militares entre as cortes; por outro, a revolução científica e cultural e a renovação espiritual e pastoral da Igreja Católica, propostas pelo Concílio de Trento (1545-1563). Trata-se do fenômeno cultural e global do ‘Renascimento’, que influenciará as sociedades europeias, inclusive a educação e a pedagogia. “[o] Sr. de La Salle tomará suas grandes decisões no interior dessa sociedade profundamente agitada e em rápida evolução, cheia de desafios humanos e espirituais” (Morales, 1990, p. 23).

eloquente em torno do educador católico que modelou a escola moderna” (2013, p. 16). Após apresentarem as contribuições desse educador para a constituição da escola moderna e contemporânea ocidental, os autores se questionam: “Seria um silêncio eloquente ou uma demonstração de mero desconhecimento, injustificado, obviamente” (2013, p. 38).

Figura 1. O Santo Fundador dando aula.



Fonte: Rousset (1979, p. 145).

Do ponto de vista político, “[...] a França setecentista era o país culturalmente mais influente junto às cortes europeias” (Lima, 2013, p. 194). Do ponto de vista demográfico era o país mais povoado da Europa, com cerca de vinte milhões de habitantes, dos quais 80% viviam no meio rural, embora já se verificasse um constante aumento demográfico nas cidades. A expectativa de vida era muito baixa e a mortalidade infantil altíssima. Conforme Morales (1990, p. 26), “[...] de cada 1.000 crianças nascidas vivas, 250 não completariam o primeiro ano de vida”. Outro historiador afirma que o índice de mortalidade infantil chegava às zonas rurais francesas a “[...] catastróficos 650 a 900 por 1.000 bebês nascidos” (Heywood, 2004, p. 90). “Assim que a criança superava esse período de alto nível de mortalidade, em que sua sobrevivência era improvável, ela se confundia com os adultos” (Ariès, 1981, p. 100), pois na “[...] sociedade medieval, [...], o sentimento de infância não existia” (Ariès, 1981, p. 99). Conforme Ariès, a concepção de infância se estabelece a partir do século XVII pela ação política, cultural e educacional desenvolvida “[...] entre os moralistas e os educadores do século XVII [...]” destacando que “[...] esse outro sentimento de infância [...] inspirou toda a educação do século XX, tanto na cidade como no campo, na burguesia como no povo” (1981, p. 104).

Entre as causas da miséria e da fome do povo estão a medicina rudimentar, a escassez de alimentos ou a falta de conservação deles, as condições precárias de higiene, as epidemias, o financiamento do luxo e das guerras palacianas. Os historiadores nos relatam que Luís XIV envolveu a França em muitas guerras, uma delas contra a Liga de Augsburg provocou a “Grande Fome de 1694” (Oliveira, 2013, p. 232-233). Invernos rigorosos, enchentes, impostos e terremotos aumentavam a miséria do povo. A situação do povo, especialmente a das crianças pobres, vai afetando a sensibilidade de La Salle até que ele decide dedicar-se exclusivamente à educação popular (La Salle, 2012a).

La Salle e os primeiros Irmãos começam a abrir suas escolas em 1679 porque, nessa época, o nível elementar, formado pelas Escolas Menores, era o mais descuidado. Já existiam na França dois níveis bem estruturados de educação: o nível universitário e o nível secundário, formado pelos colégios. O nível universitário teve seu auge entre os séculos XII e XIII, formando uma espécie de rede internacional que seguia alguns estatutos e regulamentos conhecidos entre as Universidades e aprovados por Roma. As universidades ensinavam as disciplinas clássicas:

Artes Liberais, Teologia, Direito e Medicina. No nível elementar, têm-se as Escolas Menores, que existiam desde a Idade Média, porém, sem o reconhecimento do ensino Universitário e dos Colégios. A realidade das Escolas Menores mudará a partir do século XVI, sobretudo pelo interesse da educação do povo por parte dos católicos e protestantes. Conforme Lauraire (2011), as escolas eram muito desiguais devido aos escassos recursos e à falta de qualificação dos professores. Algumas escolas eram gratuitas, mantidas por uma paróquia, por uma municipalidade ou governo da cidade ou ainda algum benfeitor, que garantiam seus custos atendendo alunos pobres; outras eram pagas, destinadas a famílias que podiam pagar professores. Quanto ao programa de ensino, as escolas dos meninos insistiam mais nos rudimentos de “[...] aprender a ler, escrever, contar, e receber aulas de catequese; em algumas incluíam canto e latim [...]” (Morales, 1990, p. 31).

Com relação à realidade dos mestres da época, havia uma grande escassez de pessoas disponíveis para o ofício e aqueles que, efetivamente, atuavam no magistério não possuíam formação profissional adequada. Além disso, os mestres da época realizavam outras atividades profissionais, e não perseveravam, principalmente por ser o magistério uma atividade muito desvalorizada na sociedade.

Nesse contexto, La Salle e os Irmãos percebem a:

[...] necessidade da formação docente [que] já fora preconizada por Comenius, no século XVII, e o primeiro estabelecimento de ensino destinado à formação de professores teria sido instituído por São João Batista de La Salle em 1684, em Reims, com o nome de Seminário dos Mestres (Saviani, 2009, p. 143).

Trata-se da primeira escola normal conhecida pelos historiadores da educação. Segundo Nunes, consiste na “[...] primeira Escola Normal ou Seminário de mestres, cronologicamente, a primeira escola desse tipo formalmente organizada na Europa, em 1684” (1981, p. 144). Este seria um “[...] grande feito educacional de São João Batista de La Salle [...]”, ou seja, “[...] fundar escolas normais para os Irmãos e para eventuais candidatos leigos, a fim de formar os mestres para o ensino nas escolas da cidade e nas escolas do campo” (1981, p. 142). No século XVII, surgem as primeiras congregações religiosas para atender os meninos neste nível de ensino, inclusive os Irmãos das Escolas Cristãs, cuja organização coletiva vai superando o modelo medieval de escolas elementares, que existiam

desde o século XIV, e que ainda sobreviviam no século XVII, sendo que nas escolas menores:

[...] em geral, o mestre alugava uma sala, uma *schola*, por um preço que era regulamentado nas cidades universitárias. Em Paris, essas escolas se concentravam numa mesma rua, a Rua Du Fourare: *vicusstraminis*. Essas escolas, é claro, eram independentes umas das outras. Forrava-se o chão com palha, e os alunos aí se sentavam (Ariès, 1982, p. 108, grifo do autor).

Embora já existissem níveis estruturados de educação, o problema mais grave referia-se ao acesso à escola, pois apenas uma minoria da população em idade escolar tinha a possibilidade de frequentá-la. Nesse sentido, no ano da morte de La Salle, 1719, registra-se o fato de que havia escolas dos Irmãos “[...] em 27 cidades da França e, em 1790, havia 920 Irmãos, 123 escolas e 520 classes com 35.713 alunos” (Nunes, 1981, p. 145).

A maioria das crianças, por falta de vagas, por necessidade de ajudar a família no trabalho ou pela falta de atrativos e de organização das escolas, ficava fora do ambiente escolar. Lauraire (2011, p. 28) aponta alguns dos problemas das Escolas Menores do século XVII: “[...] desordem aparente, método individual, recurso aos castigos corporais, mescla de idade, falta de organização do espaço-aula, relação pedagógica individual e não coletiva, ausência de normas claramente estabelecidas sobre o comportamento esperado dos alunos [...]”. Os lassalistas, em resposta a algumas situações específicas desse contexto social e educacional francês, propõem-se a educar no ambiente urbano, preferencialmente os filhos dos artesãos e dos pobres, de forma gratuita.

Desde os primórdios de 1717 as regras da ordem estabeleciam a educação como finalidade do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, que é concebido como “[...] uma Sociedade na qual se faz profissão de manter as escolas gratuitamente [...]”, os Irmãos atuavam nessas escolas como professores, portanto, não poderiam “[...] ser sacerdotes nem aspirar ao estado eclesiástico”. O objetivo do Instituto é oferecer “[...] educação cristã aos meninos [...]”, “[...] filhos dos artesãos e dos pobres [...]”, de modo que os mestres “[...] possam ensinar-lhes a bem viver” (La Salle, 2012a, p. 18).

No contexto da cristandade, ensinar a bem viver significava ensinar a viver de acordo com a vontade de Deus, manifestada pelas orientações

da Igreja. Uma preocupação à época, que se alinha à preocupação educativa moderna: as escolas lassalistas “[...] preparavam os alunos para a vida real e para o exercício de algum ofício. Embora não se tivesse a plasticidade da ascensão social, a escola já preparava para as atividades que cada um exerceria” (Tagliavini & Piantkoski, 2013, p. 35). A eventual ascensão social, fruto da profissionalização obtida na escola, ainda convive com a mobilidade social, restrita na primeira metade do século XVII, e propiciada pelo:

[...] renome, reputação. A competência intelectual e técnica e o valor moral não eram considerados, não porque fossem desprezados, mas porque estavam incluídos na aprovação que consagrava um homem como ‘célebre’ e ‘amável’. ‘[...] o sucesso só podia ser obtido graças ao favor dos grandes e à amizade dos pares’ (Ariès, 1981, p. 175, grifo do autor).

Conforme Ariès, La Salle dedicou-se a escrever as *Regras do decoro e da urbanidade cristãos* e a utilizá-lo como livro didático para o ensino da leitura e depois da escrita. Para Ariès, os manuais de civildade “[...] destinavam-se a uma população rústica e brutal, e a disciplina de boas maneiras era então mais necessária do que em nossas sociedades atuais, em que as pessoas estão mais submetidas a todos os tipos de autoridades públicas e controles policiais” (1981, p. 173). Das obras de La Salle, as *Regras do decoro e da urbanidade cristãos* é a mais divulgada e conhecida. Parece evidente que cumprem com o papel de socialização da infância previsto para a escola republicana, no entanto, destina a uma socialização realizada em uma sociedade aristocrática o que gera contradições. Para Revel, o uso escolar dessa obra deve “[...] ter colocado problemas crescentes [...]”, pois seria “[...] seu próprio sucesso que mais radicalmente abala a posição de civildade [...]” da aristocracia, levando, no “[...] final do século XVII, alguns [...] a distanciar-se de um código que se revela demasiado acessível e pode submergir os privilégios da elite” (2013, p. 203).

La Salle no contexto acadêmico contemporâneo

O pensamento de Michel Foucault é referência para a reflexão acadêmica na pedagogia brasileira contemporânea (Aquino, 2013). Foucault associa La Salle com a disciplina, e sua tese acerca da contribuição de La Salle para a docilização dos corpos infantis é bastante conhecida e aceita (Foucault, 2013). Nesta perspectiva teórica, entende-se

que La Salle e os primeiros lassalistas uniformizaram, ordenaram, cronometraram as atividades letivas com o objetivo de controlar os movimentos dos corpos no espaço escolar, que, conforme Foucault, é realizada a partir de uma “[...] observação minuciosa do detalhe [...]” que, por sua vez, gera “[...] todo um conjunto de técnicas, todo um corpo de processos e de saber, de descrições, de receitas e de dados. E desses esmiuçamentos, sem dúvida, nasceu o homem do humanismo moderno” (2013, p. 136). La Salle teria contribuído para o surgimento do homem moderno através da escola primária como espaço social e cultural específico, que organizaria “[...] uma nova economia do tempo de aprendizagem” (Foucault, 2013, p. 142).

De fato, o capítulo 15 do Guia das Escolas Cristãs regulamenta as práticas escolares de repressão à indisciplina (La Salle, 2012b, p. 155-190), no entanto, elas restringem o uso de castigos físicos - a palmatória, por exemplo - para casos excepcionais e aplicados com “[...] grande parcimônia e tranquilidade” (La Salle, 2012b, p. 162), preferencialmente, o professor deveria “[...] empenhar-se para agir com perícia e criatividade a fim de manter os alunos em ordem quase sem recorrer a castigos” (La Salle, 2012b, p. 163).

Figura 2. Saída da Escola no século XVIII, segundo Augustin de St. Aubin.



Fonte: Rousset (1979, p. 144).

Segundo Gauthier e Tardif (2010), os lassalistas inventaram a pedagogia moderna porque, na França, entre o final do século XVII e o início do XVIII, liderados por João Batista de La Salle, os Irmãos das Escolas Cristãs organizaram uma rede de escolas primárias, nas quais se estabeleceram como professores profissionais dedicados exclusivamente à alfabetização em francês e à educação inicial de crianças e adolescentes.

Essa construção institucional e profissional, conforme Gauthier e Tardiff, pode ser acompanhada pelas sucessivas revisões do Guia das Escolas (La Salle, 2012b), obra coletiva na qual a irmandade de professores consolidou sua pedagogia, a partir de reflexão sistemática, permanente e inconclusiva sobre a prática docente. Desse modo, eles teriam iniciado a produção da ciência pedagógica moderna, que se caracteriza pela relação dialética entre ação-reflexão-ação, desenvolvida no e para a sala de aula. Ainda, segundo o referido Manual canadense, os primeiros lassalistas teriam inventado o princípio pedagógico que caracteriza a pedagogia como ciência moderna: o saber ensinar é um conhecimento diverso do conteúdo a ser ensinado. Ao fazerem essa distinção, os lassalistas preocupavam-se tanto com o conteúdo a ser ensinado (o currículo para a alfabetização em francês) quanto com a didática, por meio da qual esse conteúdo poderia ser mais adequadamente apreendido pelas crianças.

Parece que a avaliação sobre a pedagogia de La Salle depende de como o cientista da educação avalia, hoje, o projeto político-pedagógico da modernidade, que pretende universalizar uma escola e um magistério capaz de propiciar “[...] o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1996, art. 2º).

Nessa perspectiva político-pedagógica da educação moderna, duas contribuições de São João Batista de La Salle e dos primeiros Irmãos das Escolas Cristãs fornecem as bases para a constituição da escola moderna ocidental e os traços desse modelo educativo, que continuam presentes na contemporaneidade, de modo a ampliar a reflexão crítica sobre a obra desse pedagogo católico no ambiente intelectual brasileiro.

Duas contribuições de La Salle para a escola moderna

Se por um lado João Batista de La Salle e os primeiros Irmãos, ao iniciarem suas escolas, encontraram uma instituição descuidada, frágil, sem orientações claras; por outro, perceberam a existência de um movimento escolar favorável. Existia uma série de fatores que convergiam para a consolidação de um projeto de ensino elementar, entre eles, o crescente desejo do povo por cultura, a difusão da imprensa, o Renascimento e a própria ciência moderna que emergia. Dentro desse contexto, La Salle tomou decisões importantes que fizeram das suas escolas instituições diferenciadas.

Conforme Morales (1990), entre os avanços estão a opção por formar professores laicos, ao invés de sacerdotes; o ensino de matérias profanas, além da catequese; tornar a escola um espaço agradável e bem planejado para acomodar os alunos e a necessidade de implementar um método de ensino. Também La Salle procurou prolongar o tempo de permanência das crianças na escola, consolidou o método de ensino simultâneo, optou por um professor em cada turma durante todo o ano escolar, formou comunidades de professores e deu atenção ao ambiente físico da escola.

La Salle e os primeiros Irmãos responderam de forma criativa aos desafios da educação das crianças na época, colocando em ação práticas educativas que contribuíram para a constituição da escola moderna, muitas delas registradas em vários dos seus livros, dos quais se destaca o Guia das Escolas Cristãs, que pormenoriza os princípios pedagógicos e os métodos de ensino desenvolvidos pelos Irmãos. Dentre as inovações de La Salle, destacam-se a opção pelo método de ensino simultâneo e a formação de professores.

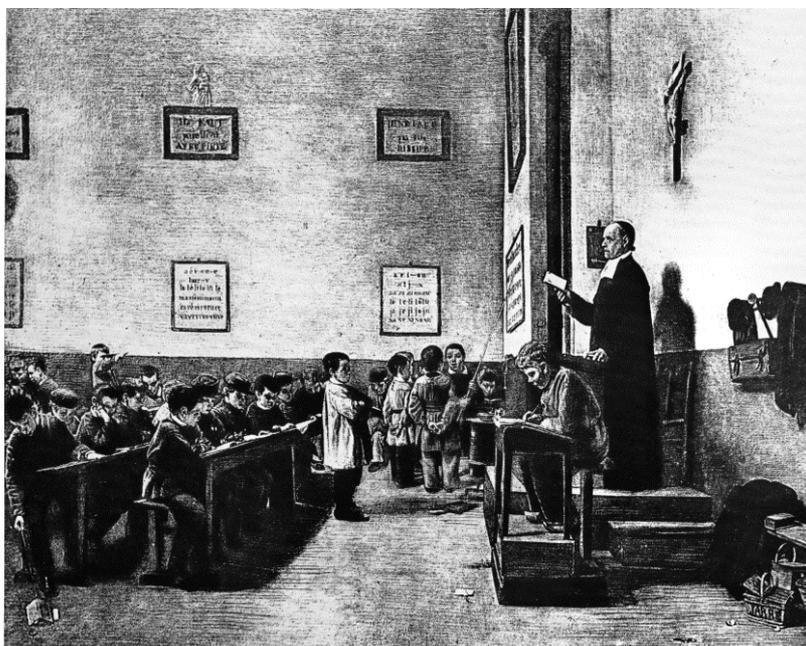
Universalização da educação: a sistematização do método do ensino simultâneo

O Guia das Escolas Cristãs - ou simplesmente Guia - foi escrito por La Salle em 1702, após ouvir os Irmãos mais experientes e capacitados na arte de lecionar. Era revisto periodicamente pelos Irmãos e por La Salle, sendo impresso em 1720, após a morte do nosso pedagogo. O Guia visava a uniformizar a prática educativa em todas as escolas atendidas pelos Irmãos e, também, orientar o ensino dos mestres jovens. Divide-se em três partes: na primeira, são abordadas as atividades da escola; a segunda trata

do estabelecimento de um método e de procedimentos detalhados e precisos para dar aula; por fim, a terceira parte trata das obrigações do Inspetor das Escolas, das funções do formador de novos mestres, das atitudes que os mestres devem adquirir e o que os alunos devem fazer. Essa obra tem um grande valor pedagógico, pois apresenta um estilo próprio de ensinar e de educar que caracterizou as Escolas Cristãs, e que serviu como inspiração para muitos pedagogos e fundadores de institutos docentes. É uma obra que marca profundamente a evolução da escola e das ideias pedagógicas, sendo apresentado, com certa surpresa e entusiasmo, por Manacorda (2006).

A escola lassalista permitiu ensinar – e com qualidade no aprendizado – um número razoável de crianças ao mesmo tempo, criando uma didática que superou as limitações da educação aristocrática, baseada no preceptor e no ensino particular e doméstico, com foco em um único aluno. O método simultâneo e o treinamento dos professores viabilizaram a proposta democrática de educação de todas as crianças.

Figura 3. Gravura de 1873 (F. Bouvin). Uma sala de aula conforme o Guia das Escolas Cristãs



Fonte: Rousset (1979, p. 146).

Nos séculos XVII e XVIII, devido aos fenômenos sociais citados, era crescente o número de crianças que chegavam à escola, o que gerou problemas de disciplina e de organização da classe. Como a maioria das escolas elementares trabalhava com o sistema individual de ensino, que dificultava o controle, pois os alunos eram atendidos individualmente, houve um aumento na aplicação de castigo e de medidas disciplinares, que acabavam afastando o aluno do ambiente escolar. Era preciso adotar novos métodos e procedimentos. La Salle, ao organizar suas escolas, percebe as vantagens do método simultâneo de ensino, que permitia a um único professor atender a um grande número de crianças, numa mesma sala de aula.

[...] o ensino simultâneo implica que o mestre possa ver o conjunto do grupo de alunos de um só golpe de vista, a fim de melhor dominá-lo. Situando-se diante da classe, diante dos alunos, muitas vezes sobre um pequeno degrau chamado tribuna, o mestre pode dar a sua aula, suas indicações a todos os seus alunos, para a execução de um mesmo trabalho e, com um simples olhar, controlar o funcionamento do grupo (Gauthier & Tardif, 2010, p. 135).

A opção pelo ensino simultâneo exigiu a elaboração de uma série de métodos e procedimentos, que tinham o objetivo de atender a totalidade do ambiente escolar, de modo a facilitar os exercícios comuns e o trabalho individual que aconteciam ao mesmo tempo. Era preciso levar em consideração a organização do tempo, do espaço, dos conteúdos a serem vistos e a ordem na sala de aula.

É importante destacar que embora o ensino fosse preponderantemente simultâneo algumas atividades eram realizadas de forma individual ou mútua, como, por exemplo, o catecismo, as orações e os ofícios paroquiais. Também para o desenvolvimento desse método de ensino, o livro ocupava um lugar central. Cada aluno tinha um exemplar do livro usado pelo professor, para que pudesse acompanhar as lições. “Todos os alunos de cada lição terão o mesmo livro e a mesma lição” (La Salle, 2012b, p. 37).

As escolas de La Salle possuíam, em média, três a quatro salas de aulas, que tornavam possível o agrupamento das crianças de acordo com seu nível, ou seja, a idade, a capacidade e a instrução. Existia um rigoroso programa de progressão nos conteúdos, organizado do mais fácil ao mais difícil. Mensalmente os alunos passavam por uma avaliação que permitia a

passagem de um nível para outro, se atingissem satisfatoriamente os objetivos da lição. Os Irmãos davam grande atenção para não promover o aluno antes da hora.

Existem nove espécies de lições nas Escolas Cristãs: 1. o cartaz do alfabeto; 2. o cartaz das sílabas; 3. o silabário; 4. o primeiro livro; 5. o segundo livro, no qual os que souberam silabar perfeitamente começam a ler; 6. o terceiro livro, que serve para aprender a ler por pausas; 7. o saltério; 8. a Urbanidade; 9. os manuscritos.

Todos os alunos, de todas as lições, exceto os que leem nos cartazes, serão distribuídos em três ordens: a primeira, dos principiantes; a segunda, dos médios, e a terceira, dos avançados e dos perfeitos nesta lição (La Salle, 2012b, p. 36).

A organização do espaço escolar, juntamente com a gestão do tempo, foram dois desafios a serem resolvidos por La Salle e os primeiros Irmãos. Conforme o Guia das Escolas Cristãs (2012b, p. 235), as medidas ideais para cada sala de aula teriam entre 25 e 35 metros quadrados para os pequenos e entre 35 e 45 para os maiores. Em cada sala estudavam normalmente 60 alunos, ou seja, cada aluno tinha um espaço muito restrito para se movimentar. Não havia espaços para recreação.

Para realizar um bom trabalho em sala com espaço reduzido, e muitos alunos, foi necessário criar muitas regras e jornada contínua de trabalho. Uma das primeiras precauções foi delimitar um espaço para cada aluno. “Cada um dos alunos terá seu lugar assinalado, e não sairá dele, nem o trocará por outro, a não ser por ordem e com autorização do Inspetor de escolas” (La Salle, 2012b, p. 259).

Outro aspecto fundamental era empregar bem o tempo, ou seja, evitar que o aluno ficasse ocioso, colocando em risco o bom ambiente de estudo, e mesmo deixando-o sem receber conhecimentos importantes para sua vida pessoal e social. Nesse aspecto, La Salle exige dos professores grande atenção. “Termine em poucas palavras a conversa com as pessoas que vêm à porta da escola, a fim de não fazer perder tempo aos alunos” (La Salle, 2012b, p. 76). Mais uma exigência do novo método de ensino, indispensável para um trabalho eficiente, era a ordem na sala de aula. Manter a ordem significava tudo funcionando muito bem. Era preciso eliminar o imprevisto e o proibido.

A ordem permite evitar, tanto nos alunos como no professor, as hesitações geradas pela insegurança e agressividade, e isso facilita o funcionamento do grupo com maior serenidade. Quando se sabe o que fazer, quando e como, a eficácia e a satisfação são maiores (Lauraire, 2006, p. 166).

Para implantar a ordem, La Salle insistia na presença vigilante do professor na sala de aula sobre o aluno, o entorno educativo e, também, sobre si mesmo. Também contava com a participação de muitos alunos em variadas e diferentes funções:

1. recitador de orações; 2. aquele que diz o que cabe ao sacerdote, na recitação da santa Missa, chamado, por isso, de ministro da santa Missa; 3. esmoler; 4. o porta-aspersório; 5. o porta-terços; 6.o sineiro; 7.o inspetor e os vigilantes; 8.os primeiros bancos; 9. os visitantes dos ausentes; 10. os distribuidores e coletores de papéis; 11. os distribuidores e coletores de livros; 12. os varredores; 13. o porteiro; 14. o chaveiro (La Salle, 2012b, p. 214).

Por fim, havia os castigos. Esses, para La Salle, inspiravam-se na doutrina do sacramento da confissão, que pressupõe a íntima contrição do penitente, sendo somente aplicados com o livre consentimento do aluno, ou seja, o aluno deveria saber por qual motivo estava sendo castigado, e estar convencido da conveniência em receber tal castigo, posto que uma das 10 condições para a aplicação do castigo físico era:

[...] voluntária, aceita da parte do aluno, devendo se tratar de obter a livre anuência dele ao castigo, fazendo-lhe compreender que o mereceu, pintando-lhe a gravidade de sua infração, a obrigação que tem de remediá-la, o grande mal que faz a si mesmo, e o que pode causar aos colegas o seu mau exemplo (La Salle, 2012b, p. 165).

La Salle suavizou a prática dos castigos corporais, muito comuns e violentos na época. Para tanto, criou normativas para evitar sua aplicação, pois estava convencido de que os castigos físicos atrapalhavam o bom andamento da escola. A leitura das regras sobre as ‘correções’ (La Salle, 2012b) permite imaginar que as minúcias a serem observadas inibiriam o desejo do Irmão em ‘corrigir’ usando a palmatória ou a vara.

Todos os sinais de correção serão reduzidos a cinco. Os mestres farão os alunos saber por qual destes cinco motivos vão ser castigados.

As cinco questões ou os cinco motivos pelos quais se aplicarão castigos na escola são: 1. Por não haver estudado; 2. por não haver escrito; 3. por ter faltado às aulas; 4. por não haver prestado atenção no catecismo; 5. por não haver rezado (La Salle, 2012b, p. 139).

A implantação do método simultâneo de ensino exigiu de La Salle e dos primeiros Irmãos uma constante reflexão e avaliação das suas práticas letivas, a fim de resolver os problemas de ensino que surgiam. Eles optaram por criar soluções novas, que ajudaram na configuração da escola moderna, algumas delas ainda presentes no cotidiano das escolas.

A formação de Professores: a centralidade na formação dos Mestres

A falta de formação dos mestres, na época de São João Batista de La Salle, foi uma das razões para seu envolvimento com a educação, que se tornou compromisso assumido por toda sua vida. La Salle estava convencido de que para garantir uma educação de qualidade aos ‘filhos dos artesãos e dos pobres’ era indispensável a formação dos mestres.

A grande meta era educar para o bem viver, o que incluía o ensino do catecismo (verdades da fé), dos saberes básicos de convivência (cortesia e bons modos) e da aprendizagem profissional ou técnica (ler, escrever, calcular, desenhar...). A garantia do bom andamento desse projeto educativo passava pela qualificação dos educadores -estratégica importante para o êxito da escola, por isso La Salle não mediu esforços em prepará-los com qualidade.

Na época de La Salle existiam várias categorias de mestres católicos, entre eles os que mais se destacavam, e tinham prestígio social, eram os padres e religiosos que mantinham escolas em suas paróquias. Os mestres calígrafos, uma corporação de ofício com privilégios reais de monopólio de sua atividade, também tinham certo reconhecimento. De modo geral, os demais mestres, principalmente os das escolas elementares, tinham pouca formação e eram mal remunerados, além de serem instáveis e não perseverarem na profissão.

O ofício de mestre era uma profissão secundária, pois muitos possuíam outra profissão como principal. Nesse sentido, exercia a função de mestres das escolas elementares: “[...] sacristãos, soldados inválidos, sapateiros de aldeia ou pessoas cuja principal ocupação fosse sedentária ou durasse apenas parte do ano” (Justo, 2003, p.298) e, também, “[...] antigos oficiais de justiça, feirantes, vendedores, ambulantes, taberneiros, desempregados, pedreiros, ferreiros, tocadores de violão, mágicos, empregados domésticos e outros” (Flach & Machiels, [199-], p.24).

O ofício de mestre era desvalorizado e menosprezado, sem nenhuma distinção social. De certa forma, havia um forte preconceito com relação ao ofício, conforme descreve Maillefer, ao retratar situação em que um bispo desestimula seu sobrinho a tornar-se Irmão Lassalista dedicado à educação:

Disse-lhe que não convinha abraçar um estado tão desprezível; que nunca permitiria que um jovem de sua condição se rebaixasse a tornar-se professor; que, se sentisse realmente chamado ao estado religioso, poderia escolher entre outros para salvar-se (Maillefer, 1991, p.135).

Havia muitas escolas irregulares, clandestinas, não autorizadas, na maioria das vezes, funcionando na própria casa ou oficina do mestre, sem condições mínimas de higiene, ventilação e iluminação. Nessas condições, o mestre, em primeiro lugar, exercia sua profissão oficial e, depois, ocupava-se com o ensino. E a realidade do ambiente escolar não era muito diferente nas escolas em que o mestre tinha autorização eclesiástica.

A função do mestre não era muito prestigiada socialmente. A remuneração que recebia o atesta: em 1698, por exemplo, uma ordem real autorizava as comunidades a impor a seus habitantes um imposto para assegurar uma renda de 150 libras aos mestres e 100 libras às mestras das pequenas escolas, quando um trabalhador qualificado – um pedreiro, marceneiro – ganhava umas 200 libras anuais. Essa baixa remuneração, aliada aos meses (não pagos) sem aula, fazia com que numerosos mestres buscassem empregos paralelos, para poderem sobreviver dignamente (Hengemüle, 2000, p. 50).

La Salle conhecia bem esta realidade referente à falta qualitativa e quantitativa de mestres. Havia carência de professores preparados e

competentes na utilização de um método eficaz para ensinar a ler e escrever corretamente. Por isso, ele se preocupou tanto com a formação dos seus mestres. Essa carência formativa torna-se ainda mais relevante se, de fato, a suspeita de Manacorda estiver correta, quando avalia o Guia das Escolas:

[...] parece-me importante salientar duas coisas. Primeiramente, a separação total, diria didática, organizacional e cultural, entre o ler e o escrever. O ler concerne essencialmente ao ensino religioso, à doutrina, às Sagradas Escrituras; o escrever, que tem seus mestres e lugares próprios, concerne a uma técnica essencialmente material, que exige cuidados particulares e é voltado a preparar para o ofício. Temos, então, nas duas técnicas a coexistência de duas instruções diferentes: a aculturação religiosa e moral e uma pré-aprendizagem das profissões artesanais mercantis. Essa é a grande novidade das escolas cristãs (e, é claro, não somente dessas!) (2006, p. 232).

Hengemüle (2000) destaca que aqueles que aceitavam a exercer a profissão eram controlados pela Igreja. Exigia-se-lhes a observação de normas e estatutos para o desempenho da atividade. Tal autorização era renovada anualmente. E, para aceitação destes, era dado mais valor à conduta pessoal e religiosa do que ao seu preparo intelectual ou aptidão pedagógica. As funções do magistério eram realizadas de forma paralela ou complementar a diversas outras tarefas ligadas à paróquia. Mongredien faz uma descrição desse cenário, em que o mestre exerce sua função e atividades da paróquia:

[...] antes de tudo e, sobretudo, o mestre da escola aparece como auxiliar do pároco; geralmente acumula as funções de ensinante, cantor e sacristão, o que não o impede de ser também um oficial de justiça, cirurgião, tanoeiro, vinhateiro, relojoeiro, coveiro ou agricultor. Redige os registros de batismo, de casamento e de óbito da paróquia, ao mesmo tempo as atas das assembleias da comunidade (Mongredien, 1948, p. 166 apud Poutet & Pungier, 2001, p. 151).

As atividades pedagógicas ficavam em segundo plano. Percebe-se que não há uma prioridade para o ensino, sendo esta secundária. O mestre envolvia-se em muitas atividades da paróquia. Poutet e Pungier (2001, p.

152), registram esta realidade, ao descrever as funções múltiplas esperadas do mestre, a ser contratado para uma comunidade religiosa.

[...] vinte habitantes nos disseram ser necessário providenciar um professor para cantar na igreja, assistir o senhor pároco no serviço divino e na administração do santo sacramento, para instrução da juventude, para tocar o ângelus à tarde, de manhã e ao meio-dia e por ocasião de tempestades que ocorrerem durante o ano, tirar água para fazê-la benzer todos os domingos, varrer a igreja aos sábados, fazer a oração todas as tardes desde Todos os Santos até a Páscoa (Poutet & Pungier, 2001, p. 152).

Essa realidade sobre a situação dos mestres é chave para compreender as opções assumidas por La Salle no que se refere à formação docente. A criação de escolas não estava nos seus planos, mas seu envolvimento com o mundo da educação inicia a partir de duas circunstâncias³ pelas quais abandonou o seu plano de se tornar um bom pároco. O encontro com um mestre de Ruão, Adriano Nyel, e a proposta da senhora Maillefer são as ocasiões pelas quais o próprio La Salle reconhece como motivadoras para seu envolvimento. O professor Nyel foi enviado pela senhora Maillefer, prima de La Salle. Por ser muito rica, ela fizera uma considerável doação para abertura e sustento de uma escola para meninos pobres em Reims. La Salle ajuda o professor Adriano Nyel nesta iniciativa. Porém Nyel começa a abrir outras escolas sem se preocupar com a formação de mestres. La Salle percebeu que o professor Nyel estava mais preocupado em ampliar o número de escolas, por essa razão, ausentava-se frequentemente delas:

La Salle, satisfeito com esse novo êxito [abertura de mais uma escola], não pretendia ir além e só avançava à medida que o forçavam as circunstâncias. Deixava a direção dos professores aos cuidados do Sr. Nyel. Embora muito piedoso, este homem não era bastante clarividente nem bastante assíduo. Seu

³ Estes estão descritos no documento, *Memória dos começos*, redigido pelo próprio La Salle para explicar aos Irmãos os começos do Instituto. “Foi por essas duas circunstâncias, a saber, pelo encontro com o Senhor Nyel e a proposta que me fez esta senhora, que eu comecei a tomar a meu cuidado escolas para meninos. Antes, não havia pensado absolutamente nada nisso” (La Salle, 2012b, p. 7).

zelo reduzia-se a multiplicar escolas, sem preocupar-se em aperfeiçoá-las. As contínuas andanças que tinha de perfazer para alcançar seus objetivos, desviavam-lhe a necessária atenção para superar os percalços que se encontravam no início da obra. Suas prolongadas e frequentes ausências ocasionavam a desorganização das escolas. Os professores começaram a matar as aulas, desordem essa que repercutia nos alunos, que já não recebiam a preconizada instrução (Maillefer, 1991, p.56-57).

Progressivamente La Salle foi se comprometendo com as escolas e com a formação dos mestres, ‘um compromisso o leva a outro’⁴. Não cogitava dedicar-se exclusivamente à educação de crianças e adolescentes. O cargo de cônego que exercia em Reims, as relações familiares com a corte e seu doutorado em teologia apontavam como que ‘naturalmente’ para uma carreira no magistério eclesiástico e não para a organização de uma rede de escolas primárias mantida por uma comunidade de professores.

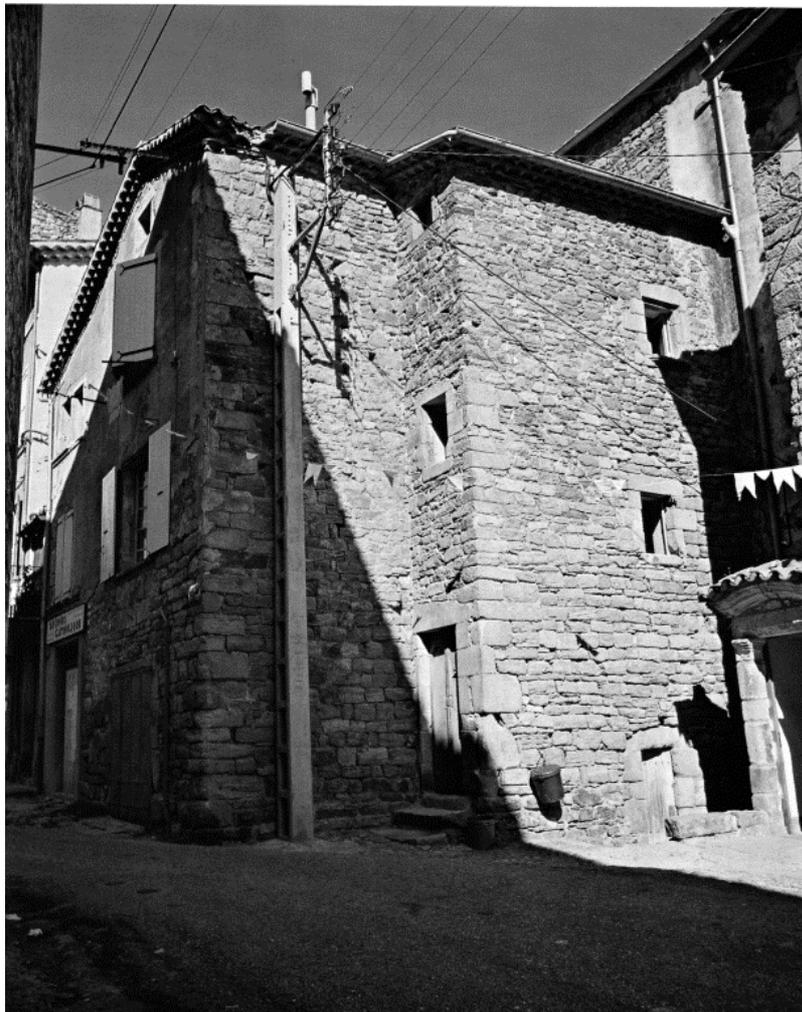
La Salle foi cuidando dos mestres sem que tivesse desejado nem planejado. Começou alugando para eles uma casa próxima à sua família. Depois, os alojou em sua própria residência, primeiro durante o dia, depois também de noite. Diante das críticas dos seus familiares, que não aceitavam aquela gente modesta, saiu da mansão paterna com os mestres e foi morar com eles em outra casa, também alugada. Convencido de que sua missão era encarregar-se de escolas e particularmente de mestres para cuidar delas, renunciou ao canonicato a fim de entregar-se inteiramente à formação desses e a direção das instituições escolares (Hengemüle, 2007, p. 10).

Todos esses passos comprovam o quanto La Salle estava convencido e acreditava que sem mestres bem preparados não se atingiriam alunos e tampouco estes teriam êxito pedagógico. A proposta lassaliana, entre

⁴ Expressão utilizada por La Salle, no documento *Memória dos começos*: “Pelo que parece esse foi o motivo por que Deus, que tudo governa com sabedoria e suavidade, e que não costuma forçar a inclinação dos homens, querendo levar-me a assumir o inteiro cuidado das escolas, o fez de modo bem imperceptível e ao longo de muito tempo, de maneira que um compromisso me levou a outro, sem que tivesse previsto desde o começo” (La Salle, 2012a, p. 7).

outras características, se destaca pela centralidade na formação do professor. “Este é um dos focos das preocupações de La Salle, um dos polos de atração, a ideia diretriz do seu pensamento e da sua ação educativa” (Hengemüle, 2000, p. 139).

Figura 4. Les Vans, (Ardèche, France), uma escola dos Irmãos estabelecida em 1711.



Fonte: Rousset(1979, p. 123).

Esta constante preocupação de La Salle com a formação dos mestres o coloca num lugar de destaque na história da educação. Ele não foi o primeiro a se preocupar com a necessária formação dos mestres, contudo seu mérito consiste em ter transformado pessoas simples e sem instrução em pedagogos competentes religiosos convictos, que iniciavam sua formação profissional na Escola Normal, e realizavam formação continuada, anualmente, por ocasião dos retiros durante as férias escolares.

La Salle se dá conta de que para garantir o sucesso das escolas e a educação dos filhos dos artesãos e dos pobres teria que formar uma comunidade de mestres comprometidos por inteiro com o magistério, totalmente entregues à escola e às crianças das quais estão encarregados pelo próprio Deus, na sua concepção religiosa. Por isso La Salle quer educadores que sejam professores com formação e dedicação exclusivas ao Magistério, não assumindo nenhuma função eclesiástica como sacerdotes ou assistentes do pároco.

Segundo Muñoz (2013), somente um homem entregue por inteiro a uma missão, e sustentado por uma comunidade organizada em torno dela, poderia assegurar um serviço educativo estável, como exigia a situação de pobreza e marginalidade social dos filhos dos artesãos e dos pobres, da França do século XVII. A vida comunitária em torno da missão é um dos elementos centrais na pedagogia lassaliana. É nessa comunidade que os mestres alimentavam sua fé e refletiam sobre suas práticas. Juntos construía soluções para atender às necessidades de educação em seu tempo. Vários escritos de La Salle são frutos dessas reflexões e partilhas com os demais Irmãos professores.

A entrega total é entendida sob a óptica de que o mestre é um vocacionado, chamado e enviado por Deus para o exercício de um magistério. Hengemüle (2000, p. 142), acentua, a partir da visão de diversos autores ligados à História da Educação, que o mestre formado por La Salle “[...] está imbuído de um conceito elevado de sua missão e que se considera um vocacionado para ela; que é um profissional solidário, dedicado inteira e estavelmente à tarefa”.

La Salle, na transição do século XVII para o XVIII, elevou as exigências para a formação e a habilitação docente. O capítulo 25 do Guia das Escolas Cristãs trata desse tema. Entre outras competências, o docente lassalista seria formado para prestar atenção a sua própria atuação e ter “[...] facilidade para falar, expressar-se com clareza, ordem e ao nível dos meninos aos quais ensina” (La Salle, 2012b, p. 302). O próprio Guia é

apresentado como um recurso pedagógico construído coletivamente, experimentado e atualizado ao longo dos anos para padronizar as práticas escolares que assegurariam nas escolas dos lassalistas um “[...] proceder bem regular e uniforme dos Irmãos encarregados delas e excelentes resultados nas crianças nelas instruídas” (La Salle, 2012b, p. 20). É muito provável que tanto a sistematização da qualificação docente quanto a padronização metodológica do ensino tenham elevado o reconhecimento social e político dos professores da escola elementar, ou seja, da educação das crianças. Desse modo, os lassalistas contribuíram para que, a partir do final do século XVIII, a profissão docente, em especial do mestre-escola, tenha ampliado o seu reconhecimento profissional e cultural. Até o final do século XVII, a docência exclusiva em escolas destinadas às crianças não era considerada uma profissão adequada para uma pessoa instruída e culta. Cole (1952, p. 369 apud Hengemüle, 2000, p.144) constata que o “[...] conceito de um homem inteligente se exercitar especificamente para ensinar crianças e dedicar depois toda a vida a um mister tão elementar era algo novo no mundo da educação”.

Além de ter elevado esse conceito, La Salle dignificou a profissão do professor primário, que era tão desacreditada. Encontramos inúmeras referências nas obras de La Salle em que ele se dirige aos educadores, com títulos religiosos, que engrandecem a condição social e a dignidade humana desses profissionais, dando-lhes os seguintes títulos:

-Embaixadores e ministros de Jesus Cristo: Vós sois os embaixadores e ministros de Jesus Cristo no emprego que exerceis. Por isso, deveis desempenhá-lo como representantes do próprio Jesus Cristo (La Salle, 2012f, p. 441).

- Substitutos dos pais:É próprio da providência de Deus e de sua vigilância sobre o proceder dos homens substituir os pais e as mães por pessoas bastante instruídas e zelosas que ensinem as crianças o conhecimento de Deus e de seus mistérios, com todo cuidado e aplicações possíveis (La Salle, 2012f, p. 436).

- Arquitetos da Igreja: Como bons arquitetos e segundo a graça de Jesus Cristo que Deus lhes deu, essas pessoas procuram lançar o fundamento da religião e da piedade cristã no coração dessas crianças [...] (La Salle, 2012c, p. 436).

- Bons pastores: No Evangelho de hoje, Jesus Cristo compara aqueles que têm direção de almas a um bom pastor que tem grande solicitude por suas ovelhas. Uma das qualidades que o bom pastor deve possuir é conhecer todas as ovelhas distintamente. Esse também deve ser uma das atenções primordiais dos que se dedicam à educação dos outros: conhecê-los e discernir o modo de tratar com eles (La Salle, 2012d, p. 88).

- Anjos da Guarda: Por isso, [as crianças] necessitam de anjos visíveis que, com suas instruções e bons exemplos, as estimulem a apreciá-las e praticá-las [as máximas propostas no santo Evangelho [...]]. Tal é a função que vós deveis desempenhar junto a vossos discípulos. A exemplo do que fazem os anjos da guarda convosco (La Salle, 2012c, p. 447).

- Pais espirituais: Deus vos concedeu honra não menor do que a São Joaquim, colocando-vos no emprego em que estais, pois destinou-vos a serdes pais espirituais das crianças que instruis. Da mesma forma como este santo foi escolhido para ser pai da Santíssima virgem, Deus também vos destinou a vós a engendrar filhos para Jesus Cristo; ou até gerar o próprio Jesus em seus corações (La Salle, 2012e, p. 334-335).

Por isso, afirma-se que La Salle foi promotor de um modelo original de formação de professores no contexto francês do século XVIII. Muñoz (2013) atribui esta originalidade à capacidade de La Salle se deixar impressionar pela precária condição dos professores leigos, por seu zelo na procura de respostas educativas para combater a pobreza dos filhos de artesãos e dos pobres e, por óbvio, pela sua fé na presença misteriosa de Deus na história humana que, conforme a fé de La Salle, tem um plano de salvação expressa na necessidade de educar corretamente cada criança e adolescente; enfim cada pessoa, em razão do infinito e universal amor de Deus pela humanidade.

Considerações finais

O projeto político-pedagógico da educação moderna visa a promover a autonomia do educando. O planejamento minucioso da comunidade lassalista visa a oferecer o ensino da escrita, desenvolvido depois da leitura, com a finalidade pragmática da emancipação para o

trabalho: “[...] redigirão, por si mesmos, cartas, promissórias [...] que lhes possam ser úteis posteriormente” (La Salle, 2012b, p. 70).

A prática docente dos Irmãos antecipa o dilema típico da educação obrigatória ministrada pelo estado democrático: “O que é preciso, então, fazer para que a firmeza não degenere em dureza e a brandura em fraqueza e frouxidão?” (La Salle, 2012b, p. 156). Ou seja: como transformar ‘o direito público subjetivo’ em educação que seja usufruída pelo prazer de aprender da criança?

Rousseau (1712-1778) ainda é o modelo do educador burguês, embora reduza o direito à educação a uma relação individual ou, no máximo, familiar entre um preceptor e o seu único pupilo, o modelo da docência individual, privativa da família aristocrática parece ter sido mais valorizada pela história da educação do que a contribuição coletiva, comunitária, de La Salle (1651-1719), que se propõe também a formar indivíduos, a partir de espaços coletivos e comunitários muito específicos e muito especializados: a escola elementar e a Escola Normal.

A educação integrada pelo coletivo de professores, reunidos por escola e por associação de escolas (redes), estabelecem padrões para uma oferta educacional universal e estandarizada pelo método simultâneo, que permite o ensino massivo, reunindo publicamente a universalidade da população infanto-juvenil, desde os filhos de aristocratas, os filhos dos artesãos e dos pobres, em um espaço social especializado, distinto da paróquia e da família, um lugar novo: a escola que deseja que seus alunos aprendam a bem viver.

Por que razão permanece um silêncio eloquente sobre La Salle? Apontamos a seguir algumas temáticas de pesquisa que julgamos serem capazes de contribuir para a superação do referido silêncio acerca de um dos fundadores da educação moderna. La Salle no seu tempo e a seu modo, defendeu na teoria pedagógica e instituiu na prática docente dos Irmãos das Escolas Cristãs uma rede de escolas gratuitas, atraentes e eficazes, de acesso universal para crianças e adolescentes.

Um primeiro tema é a influência sobre o pensamento pedagógico brasileiro da sociologia da educação francesa, que tem dificuldades compreensíveis para admitir que os professores lassalistas foram decisivos para a universalização da escolarização das crianças francesas. Além disso, foram um dos responsáveis pela construção – desde fora das universidades – de uma metodologia de ensino e de disseminá-la em uma rede escolar capaz de universalizar a educação das crianças do povo, em especial, pela

sistematização da educação simultânea, ou seja, a educação de massas necessária à futura educação republicana francesa.

Por contingências históricas e políticas, em 1880, as ordens religiosas que atuavam na educação foram expulsas da França, no entanto, os lassalistas permaneceram porque receberam reconhecimento oficial, em 1808, por Napoleão Bonaparte. Assim, em:

[...] 1900, na França, eram 10.600 Irmãos, com 1.500 escolas. Os Irmãos tinham visibilidade em toda a França. Porém, em 1907 todas as escolas foram confiscadas pelo governo dentro do princípio de laicização. Aproximadamente 3.500 Irmãos se secularizaram, ou seja, permaneceram com os votos, mas viveram fora das comunidades e mantinham o vínculo com as escolas. Dos outros 7.000, muitos deixaram o Instituto e os que continuaram Irmãos tiveram que sair da França. Até o ano de 1905, foram fechadas em torno de 7.000 escolas católicas masculinas e femininas. Esses decretos anticlericais afetaram substancialmente o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, pois, a partir daquela data, qualquer tipo de ensino realizado pelas Congregações Religiosas Católicas foi interditado e as Congregações autorizadas que tivessem o trabalho docente com exclusividade seriam suprimidas num prazo máximo de dez anos (Tagliavini & Piantkoski, 2013, p. 36).

Por razões óbvias, Durkheim está produzindo sua sociologia da educação e não pode valorizar La Salle, pois o sociólogo francês, do início do século XX, estava comprometido com as reformas educacionais iniciadas pelo ministro Jules Ferry e continuada pelos governos republicanos franceses. Nessa época, tenta-se construir uma educação laica e gratuita que se pensava oposta às escolas confessionais devido à redução conceitual do pensamento político de então, que restringia a educação pública à escola estatal, ignorando completamente a liberdade de consciência da cidadania, um princípio muito caro ao estado democrático de direito, que se institucionalizará apenas em 1948, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos que descreve o direito à educação em seu artigo 26º, incluindo a prioridade dos pais escolherem o ‘gênero’ de educação, se laica ou confessional ou ideológica, ‘que será ministrada a seus filhos’.

A tradição sociológica republicana francesa parece ignorar La Salle, pois até mesmo Georges Snyders (1974), ao descrever o século XVII e

XVIII, na França, simplesmente ignora a pedagogia de La Salle, embora dedique muitas páginas a Rousseau.

Outro tema de pesquisa é a Guerra Civil Espanhola. A Igreja Católica canonizou 13 Irmãos lassalistas e venera o exemplo do martírio dos Irmãos pela educação. Alguns deles foram executados por militantes vinculados a facções políticas que compunham a Frente Popular durante a Guerra Civil Espanhola. É compreensível que este fato histórico tenha produzido eventual constrangimento entre defensores de uma educação mais à esquerda, voltada à emancipação da pessoa humana.

Outro tema pode estar localizado na recente história do movimento sindical do magistério. Houve um esforço sindical, político e científico do Magistério para transformar o imaginário social, ideologicamente construído, que compreendia o trabalho dos educadores como um sacerdócio, uma missão apostólica, uma vocação transcendente voltada para uma atividade, baseada nos dons pessoais e na capacidade de doação dos professores, visto que tinham imenso amor pelas crianças.

Para educar, bastaria amar as crianças, e o amor não tem preço ou salário. Os sindicatos de professores precisaram lutar politicamente para destruir essa falsa imagem vocacional ou sacerdotal para construir a imagem profissional do magistério, como uma habilidade construída de modo científico e não por mera capacidade afetiva.

Talvez tenha faltado conhecimento ou interesse destes movimentos sindicais para que resgatassem a contribuição do santo padroeiro, pois objetivamente La Salle foi um sacerdote, doutor em teologia, que fez exatamente o movimento inverso: desde a sua vocação sacerdotal construiu a sua vocação profissional como pedagogo.

Referências

Aquino, J. G. (2013). A difusão do pensamento de Michel Foucault na educação brasileira: um itinerário bibliográfico. *Revista Brasileira de Educação*, 18(53), 301-324.

Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: LTC.

Brasil. Presidência da República. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

- Flach, A. A., & Machiels, H. J. ([199-]). *La Salle, um pioneiro na educação: “hoje, La Salle somos nós”*. Brasil: La Salle.
- Foucault, M. (2013). *Vigiar e punir:nascimento da prisão* (41a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gauthier, C., & Tardif, M. (Orgs.). (2010). *A pedagogia: teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias atuais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Hengemüle, E. (2000). *La Salle: uma leitura de leituras:opadroeiro dos professores na história da educação*. Rio de Janeiro, RJ: Centro Universitário La Salle.
- Hengemüle, E.(2007). *Educação lassaliana: que educação?*Canoas, RS: Salles, 2007.
- Hengemüle, E. (2012). Introdução geral. In J. B. La Salle. *Obras completas de São João Batista de La Salle* (Vol. I-A, p. VII-LXXVI). Canoas, RS: Unilasalle.
- Heywood, C. (2004). *Uma história da infância: da idade média à época contemporânea no ocidente*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Justo, H. (2003). *La Salle, patrono do magistério* (5a ed.).Canoas, RS: Salles.
- La Salle, J. B. (2012b). Guia das escolas cristãs. In J. B. La Salle. *Obras completas de São João Batista de La Salle* (Vol. 3, p. 7-317).Canoas, RS: Unilasalle.
- La Salle, J. B.(2012c). Meditações para o tempo de retiro. In J. B. La Salle.*Obras completas de São João Batista de La Salle* (Vol. 2-B, p. 433-483). Canoas, RS: Unilasalle.
- La Salle, J. B.(2012d). Meditações para todos os domingos do ano. In J. B. La Salle. *Obras completas de São João Batista de La Salle* (Vol. 2-B, p. 17-182). Canoas, RS: Unilasalle.

- La Salle, J. B.(2012e). Meditações sobre as principais festas do ano. In J. B. La Salle.*Obras completas de São João Batista de La Salle* (Vol. 2-B, p. 183-411). Canoas, RS: Unilasalle.
- La Salle, J. B. (2012a). Memória dos começos. In J. B. La Salle.*Obras completas de São João Batista de La Salle* (Vol. 1-A).Canoas, RS: Unilasalle.
- La Salle, J. B. (2012f). Regras comuns dos irmãos das escolas cristãs. In J. B. La Salle. *Obras completas de São João Batista de La Salle* (Vol. 2-A, p. 18-86). Canoas, RS: Unilasalle.
- Lauraire, L. (2006). La guía de las escuelas: enfoque pedagógico. *Cahierslasalliens*, (62). Accessed in: http://www.lasalle.org/wp-content/uploads/pdf/estudios_lasalianos/cahiers_lasalliens/62cahier_es.pdf
- Lauraire, L. (2011). La guía de las escuelas: aproximación comparativa. *Cahierslasalliens*, (63). Accessed in: http://www.lasalle.org/wp-content/uploads/pdf/estudios_lasalianos/cahiers_lasalliens/63cahier_es.pdf
- Lima, L. F. (2013). A Paris Regencial (1715-1723): o renascimento de uma cidade. *Revista Latino-Americana de História*, 2(7), 194.
- Maillefer, F. (1991). *Vida de São João Batista de La Salle*. Canoas, RS: La Salle.
- Manacorda, M. A. (2006). *História da educação: da antiguidade aos nossos dias* (12a ed.). São Paulo, SP: Cortez.
- Morales, A. A. (1990). *Espíritu y vida: el ministerio educativo lasallista*. Bogotá, COL: Monserrate, 1990.
- Muñoz, D. (2013). El maestro, un hombre comprometido por entero. *Estudios Lasalianos*, (17), 92-111.
- Nunes, R. A. C. (1981). *História da educação no século XVII*. São Paulo, SP: EPU.

- Oliveira, M. I. B. M. (2013). As guerras de conquista em prol da glória de Luís XIV. *Opsis*, 13(1), 222-238.
- Poutet, Y., & Pungier, J. (2001). *La Salle e os desafios de seu tempo*. Canoas, RS: La Salle, 2001.
- A Rede La Salle. (2015). Accessed in: <http://www.lasalle.edu.br/sobre-a-instituicao/a-rede-la-salle>
- Revel, J. (2013). Os usos da civilidade. In R. Chartier (Org.). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes* (Vol. 3, p. 169-210). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Rousset, E. (1979). *J. B. de la Salle: iconographie: documents historiques, manuscrits autographes, pièces d'archives, itinéraire géographique*. Bolougne, FR: Limet.
- Saviani, D.(2009). Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Educação*, 14(40), 143-155.
- Snyders, G. (1974). Los siglos XVII e XVIII: la pedagogia en Francia en los siglos XVII e XVIII. In G. Snyders, A. Léon, & J. Vial (1974). *História de la pedagogía II* (p. 13-82). Barcelona, ES: Oikos-Tau.
- Statistics: the educational mission: the school. (2012). Accessed in: <http://www.lasalle.org/quienes-somos/estadisticas/>
- Tagliavini, J.V., & Piantkoski, M. A. (2013). João Batista de La Salle (1651-1719): um silêncio eloquente do educador católico que modelou a escola moderna. *Revista HISTEDBR On-line*, (53), 16-40.

Recebido em: 28/07/2014

Aprovado em: 21/02/2015

Este é um artigo de acesso aberto, distribuído sob os termos da licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução irestritos, em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.